

PARA AQUÉM E ALÉM DA FRONTEIRA

Algumas considerações sobre a economia sul mineira nas últimas décadas do XIX e começo do século XX

Marcel Pereira da Silva

Mestre Em História Econômica pela USP
Técnico-Administrativo na UNIFAL-MG, *campus* Varginha

RESUMO

Este trabalho apresenta algumas considerações sobre a economia sul mineira no último quartel do XIX e primeira década do XX, por meio da indicação e dados de almanaques, anuários estatísticos e artigos da Revista do Arquivo Público Mineiro editados no período. O momento estudado, segundo a nossa hipótese, coincidiu com o fato de que os itens tradicionalmente produzidos na região (fumo, toucinho, gado) atingiram grande relevância, mas também começavam a perder espaço para o cultivo do café. Este, de forma gradual, entrou na pauta exportadora sul mineira sem no entanto significar o desaparecimento das demais culturas. Porém, o limite final, 1910, registrava tendência rumo a uma predominância cafeeira, mas que não ocorreu no período estudado. Ou seja, a região foi um caso particular, embora não único, em que a médio prazo os artigos voltados ao abastecimento interno e aquele com visas à exportação (café) conviveram simultaneamente.

PALAVRAS-CHAVE: Sul de Minas Gerais, comércio interprovincial, gêneros de abastecimento, café.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho faremos algumas considerações sobre o virtual quadro produtivo agrícola e pastoril sul mineiro, desde meados dos anos 1870 até o primeiro decênio do século XX. As principais fontes são almanaques locais e regionais, anuários estatísticos e alguns artigos da Revista do Arquivo Público Mineiro contemporâneos à época. O período abordado, segundo a nossa hipótese, coincidiu com o momento em que os itens tradicionalmente produzidos na região (fumo, toucinho, gado) atingiram grande relevância, mas também começavam a perder espaço para o cultivo do café. Este, de forma gradual, entrou na pauta exportadora sul mineira sem no entanto significar o desaparecimento das demais culturas. Porém, o limite final, 1910, registrava tendência rumo a uma predominância cafeeira, mas que não ocorreu no período estudado. Ou seja, a região foi um caso particular, embora não único, em que a médio prazo os artigos voltados ao abastecimento interno e aquele com vistas à exportação (café) conviveram simultaneamente. Internamente, o Sul de Minas Gerais também apresentou suas particularidades, pois em alguns espaços como o sudoeste (a exemplo de São Sebastião do Paraíso, Guaxupé, Muzambinho) e outros isoladamente (a exemplo de Machado, Caldas e Ouro Fino) ocorria o cultivo “precoce” da rubiácea, e conseqüentemente a sua exportação. Simultaneamente, algumas localidades apresentaram desenvolvimento relativamente elevado, o que era acompanhado de razoável crescimento, mas também capitaneado por influência política de figuras locais nas arenas estadual e federal. Claro também nos parece que, em um processo iniciado desde fins do XVIII e começo do XIX, o Sul de Minas Gerais (a exemplo de outras regiões da província) manteve laços mais fortes com espaços externos ao estado, principalmente a cidade do Rio de Janeiro e o estado de São Paulo.

O texto está estruturado da seguinte forma: após uma breve revisão bibliográfica sobre Minas no XIX, apresentaremos a região do Sul de da província através de estudos históricos, tradicionais e recentes. Em seguida pontuaremos as respectivas indicações de produção e exportação¹ de 1874 até a primeira década da centúria seguinte, dividindo por subitens as principais mercadorias e gêneros. Um item específico para as águas e os políticos sul mineiros vem em seguida. Ao fim, as considerações finais do trabalho.

1. Algumas notas sobre Minas Gerais no XIX e início do XX

Nos deparamos com uma literatura que se concentra na primeira metade do XIX e no período republicano até 1930, quanto o tema é Minas. No XIX, a estrutura de ocupação dos escravos e da produção regional têm peso maior, se tratando de pesquisas mais recentes. No

¹ Exportação no sentido daquilo que é produzido e enviado para fora da província/estado.

XX, o foco é a posição de Minas no cenário político nacional, principalmente no período republicano (MARTINS FILHO, 1981; SILVA, 1982), além da situação de relativo atraso da economia do estado e sua respectiva fragmentação geoeconômica². Tal fragmentação foi resultado da conjuntura mineira de perda de um centro dinâmico aglutinador, a partir do declínio da atividade mineratória de fins do século XVIII, mas que perpassou o XIX e se estendeu até primeira república. Ainda no início do período republicano, o crescimento da economia mineira teria sido pequeno no conjunto da unidade. Todavia, o desempenho não foi equitativo se o comparamos entre as regiões mineiras. Houve uma tendência para que a Zona da Mata, Triângulo e Sul apresentassem índices de crescimento maiores que o restante, embora também atrás das outras unidades como São Paulo, e depois até mesmo Rio Grande do Sul. E é nessa conjuntura que se situa o objeto de nossa análise.

Segundo Roberto Borges Martins, Minas não se “reergueu” com o café na onda do Rio de Janeiro e depois São Paulo (FURTADO, 2007), mas atividades de caráter interno é que predominaram. “Com exceção do setor cafeeiro, talvez de partes das indústrias do fumo e pecuária, e de algodão durante um curto período, nenhum produto era cultivado com vistas à exportação...a realidade era bem outra. A razão de ser da economia mineira era a própria Minas” (MARTINS, 1980: 43)³.

Crítica neste sentido, Robert Slenes defendeu um maior grau de mercantilização da economia mineira no XIX, sendo o setor exportador baseado em itens como gado, milho e feijão, responsável por boa parte da importação de escravos para Minas, com destaque especial para a Mata e o Sul.

Nas últimas décadas do Império, a Mata e o Sul tinham um setor de exportação bem mais forte, em relação ao das áreas de mineração, do que em meados do século. Não creio que seja uma coincidência o fato de entre 1873 e 1880 a Mata e o Sul terem importado o maior número de escravos dentre todas as regiões da província, ao mesmo tempo em que a Metalúrgica Mantiqueira, o centro da mineração de ouro, ter sido a que mais perdeu escravos (SLENES, 1988: 478, grifo nosso).

Entretanto, o estudo de Roberto Martins foi um dos primeiros a chamar a atenção para o fato do café no sul se estabelecer de forma tardia, expandindo com consistência e de maneira mais generalizada apenas no período republicano, demonstrado pela tabela 2.3 no subitem que trataremos sobre o café na região. Aqui, Martins também foi precedido por João Heraldo Lima (LIMA, 1977)⁴. Por outro lado, Roberto Martins parece rejeitar a tese das

² Dentre outros: IGLÉSIAS, 1982; DINIZ, 1981; WIRTH, 1982. DULCI, 1999; GODOY, 2009.

³ Segundo o autor, mesmo com baixo grau de mercantilização, Minas tinha um grande contingente de escravos importados. Este ponto de vista já foi criticado por outros estudos posteriores. Por exemplo: CANO e LUNA, 2002. Também SLENES, 1988.

⁴ Ao discutir o não vínculo de café e indústria na Zona da Mata Mineira, à exceção de Juiz de fora, o autor reconheceu que no XIX, e mesmo ainda no começo do XX, o Sul de Minas ainda não havia desenvolvido a

significativas exportações sul mineiras ao longo do XIX, como tentou provar Alcir Lenharo (LENHARO, 1993), embora aquele tenha reconhecido a existência do fluxo.

Outros estudos um pouco mais recentes, como o de Ângelo Alves Carrara, mostraram que o declínio da atividade mineratória não desorganizou a economia abastecedora da capitania mineira, pois outros centros de consumo emergiram ou consolidaram seus laços. Segundo Clotilde Paiva e Marcelo Godoy “a magnitude e complexidade da economia de Minas Gerais, ao permitir a convivência de sólidas conexões internas com ampla inserção em mercados externos, propulsionou o surgimento de organização econômica original” (PAIVA e GODOY, 2002). Embora ambos estejam focalizados no final do XVIII e na primeira metade do XIX, indicaram um esquema que não se esgotou na segunda metade, principalmente no primeiro quartel.

2. Antecedentes: o Sul de Minas no XVIII e primeira metade do XIX

A cidade do Rio de Janeiro representava o principal mercado de consumo do país, e os hábitos de consumo de seus habitantes se haviam transformado substancialmente a partir da chegada da corte portuguesa. O abastecimento desse mercado passou a constituir a principal atividade econômica dos núcleos de população rural que se haviam localizado no sul da província de Minas como reflexo da expansão da mineração. O Comércio de gêneros e de animais para o transporte desses constituía nessa parte do país a base de uma atividade econômica de certa importância, e deu origem à formação de um grupo de empresários comerciais locais (FURTADO, 2007: 170).

A citação acima, de Celso Furtado em *Formação Econômica do Brasil*, nos indica a realidade comercial do Sul de Minas Gerais, que no período anterior ao estudado pelo nosso envolvia também toda a Comarca do Rio das Mortes, cuja sede era São João Del Rei. Já Caio Prado Júnior, em *História Econômica do Brasil*, foi um dos primeiros autores a destacar o sul mineiro e seu aspecto abastecedor, “onde se desenvolve uma economia agrária que embora não contando com gêneros exportáveis de alto valor comercial – como se dera com as regiões açucareiras do litoral –, alcançará um nível de relativa prosperidade” (PRADO JR, 2008: 65). Posteriormente, Alcir Lenharo analisou os produtores e comerciantes sul mineiros, pois mostrou como funcionava o fornecimento de gêneros de abastecimento interno à Corte entre 1808 e 1842 (onde o Sul de Minas tinha maior destaque), da mesma forma como esse grupo buscou se inserir no espaço político nacional através da posição que conquistaram (LENHARO, 1993). O perfil produtivo sul mineiro baseava-se em itens agrícolas de alimentação como milho e feijão e, sobretudo, na atividade da pecuária. Porcos, bois,

carneiros e seus derivados como o toucinho e o queijo eram a especialidade. Agrega-se o tabaco e este era o quadro dos principais itens de exportação, embora o algodão e a aguardente fossem também largamente produzidos, mas com peso menor no comércio interprovincial. Eram os mesmos itens que compunham a base econômica da região desde meados do XVIII (CARRARA, 2000)⁵. O comércio abastecedor integrava a Corte com vários espaços do Centro Sul, como São Paulo, Rio Grande do Sul e outras regiões mineiras, mas foi notoriamente o Sul de Minas, ou o espaço conhecido até então como comarca do Rio das Mortes, que ganhou maior projeção neste contexto (LENHARO, 1993).

Sabemos das armadilhas quem envolvem a tentativa de trazer para a segunda metade do XIX e início do XX um esquema desenvolvido para o primeiro (MARTINS, 2008)⁶. Porém, percebe-se, em uma ampla perspectiva histórica, a continuidade do esquema de comércio interprovincial sul mineiro, ocorrendo entretanto mudanças substanciais. A introdução do café e a sua expansão na virada para o XX, e a acentuação das importações de produtos como o açúcar são aspectos a serem considerados. Recentemente, vários estudos sobre o Sul de Minas se encaixaram neste esquema, avançando um pouco mais no XIX, mas na linha de Caio Prado e depois Lenharo, além de regionalizarem determinada produção, atribuindo maior ou menor importância a cada cultura e até mesmo o grau de ligação com a região A ou B.

3. O quadro da segunda metade do século XIX até a primeira década do século XX

Algumas pesquisas mais recentes abrangem, ao menos em parte, a segunda metade do XIX. Uma delas é a de Marcos Ferreira Andrade. Pelo estudo da composição de riqueza da elite escravista sul mineira, através da comarca da Vila de Campanha, ele conseguiu observar a estrutura das maiores unidades produtivas. Para o autor, cana e seus derivados, milho, a pecuária, fumo e mesmo o café para consumo eram a vida e riqueza dos proprietários do lugar (ANDRADE, 2010).

Perfil semelhante também tínhamos para a região do município de Alfenas, onde predominavam médias e pequenas propriedades. Com a diferença de que esta possuía peso maior na criação de animais, principalmente bovinos e suínos, a região da sede do município de Alfenas registrava lenta introdução da cafeicultura cafeeira por volta de 1870. Até 1890, a proporção da ocorrência do seu plantio não superava 15% das propriedades (MARTINS e

⁵ O trabalho do autor envolve a maior parte da antiga comarca do Rio das Mortes, cuja sede era São João del Rei. “É contudo, nas freguesias do sul da Capitania que vamos encontrar o crescimento mais acentuado, desde a metade do século XVIII, o que revela a articulação precoce com o mercado do Rio de Janeiro”. p. 58.

⁶ O autor adverte aos historiadores os perigos para as propostas de regionalização que privilegiam determinados pontos em detrimento de outros, o que pode fazer com que caiamos em anacronismo.

SOUZA, 2012)⁷.

Já o trabalho de Cristiano Restitutti é rico pelo mapeamento das rotas de comércio interprovinciais mineiras (RESTITUTTI, 2006). Sua pesquisa analisou o comércio interprovincial de fronteira mineira, e traçou com afinco rotas e produtos que entravam e saíam do território mineiro até 1884. Cristiano chamou a atenção para a forte presença de café na parte do que intitulou de “Fronteira Sudoeste”, aquela mais próxima e com exportação para São Paulo⁸, ponto em que também se aproximou a hipótese de Carlos Rovaron, cujo trabalho teve por foco a região de Caldas (ROVARON, 2009).

Até agora, ficou claro que no topo da lista dos itens de produção e comércio sul mineiros estavam o gado e fumo. Depois o toucinho e o queijo (grande marca mineira) com produção regular também desde o XVIII (HOLANDA, 2008; PRADO JR, 2008), disseminando também a produção de manteiga ao longo do XIX. Além destes artigos, os derivados da cana, rapadura, açúcar e aguardente, foram em alguma medida, e de forma mais localizada, também amplamente produzidos, mas pouco exportados, assim como também o vinho. Serviram mais ao consumo local, e com a chegada das estradas de ferro, principalmente no caso dos derivados da cana, passaram a itens de importação, notadamente o açúcar. Este, juntamente com o sal, formaram o grosso das importações sul mineiras pelas ferrovias em fins do XIX e começo do XX.

A diversificação sul mineira é um de tantos outros diferenciadores dos variados espaços cafeeiros brasileiros, embora não com exclusividade⁹. O próprio método comparativo permite que o trabalho não se perca como um estudo de caso isolado (CARDOSO e BRIGNOLI, 2002). Além disso, ficaram notórias as variações dentro do próprio Sul de Minas, embora em sua maior parte fosse uma região com características comuns. Mas acima de tudo, era uma região como as muitas de Minas, ligada a interesses exteriores à sua província. Abaixo, uma figura da região no contexto estadual, cuja referência é 1900.

Figura 1 – Minas e o Sul de Minas

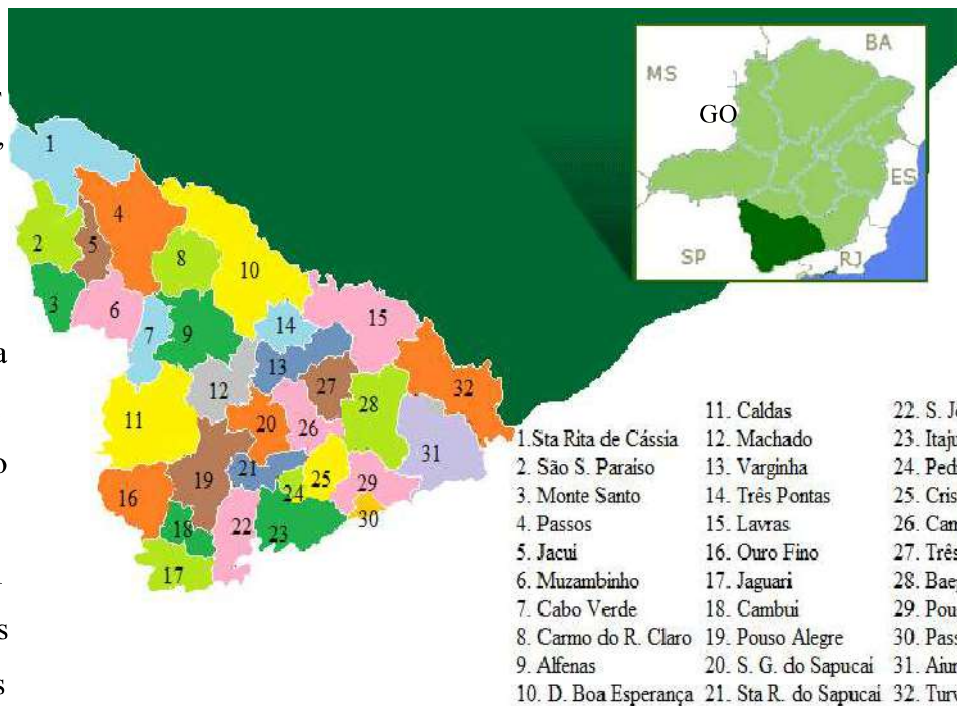
⁷ Veremos, mais à diante, que Areado e Machado, duas freguesias de Alfenas que se emanciparam ainda em nosso recorte, já apresentavam produção de café diferenciada do restante do município.

⁸ Especialmente o capítulo 8: “Fronteira Sudoeste: a fronteira com São Paulo”.

⁹ Sobre espaços cafeeiros diferenciados da região sudeste, CANO, 2012. Dentro de uma mesma região, como o Oeste Paulista, as variações podiam ser grandes, a exemplo de Ribeirão Preto e Franca. Para o primeiro LOPES, 2007. Já para Franca, OLIVEIRA, 2012. A introdução e cultivo do café para exportação no Sul de Minas foram exercidos por proprietários que estavam inseridos nas atividades tradicionais, a exemplo de Casa Branca (SP) e seus os migrantes sul mineiros. No último quartel desta centúria, jogaram papel decisivo na expansão de café (FONTANARI, 2012).

Fonte:
CAST
ILHO,
2012.

Agora
pontu
aremo
s,
segun
do as
fontes
, a



procedência das principais mercadorias sul mineiras exportadas, eventualmente relacionando-as com alguns dos trabalhos já citados.

4. As indicações de produção e exportação sul mineiras, segundo as fontes

Cana-de-açúcar e seus derivados

Alguns trabalhos atestam que Minas era um grande produtor de açúcar para consumo próprio, inclusive com um alto número de pequenos engenhos e uma considerável produção açucareira em toneladas, além do destaque na produção de rapadura e principalmente aguardente (COSTA FILHO, 1963; GODOY, 2002). Entretanto, no Sul de Minas sua produção pareceu ter sido limitada desde o começo do XIX (COSTA FILHO, 1963; ANDRADE, 2010), embora tenha se observado ser uma cultura frequente em quase todas as localidades¹⁰. Dois fatores parecem ter contribuído para essa baixa produção (quando comparada a outros espaços dentro da província): a precariedade dos transportes – fator também comum ao conjunto da província mineira, residindo aí uma das razões da magnitude da produção açucareira mineira (GODOY, 2007) – e fatores climáticos, pois aqui as geadas eram bastante frequentes mesmo em fins do XIX (COSTA FILHO, 1963; VEIGA, 1874)¹¹.

¹⁰ Apesar da verificação da exportação de açúcar e aguardente por vários registros, o autor (ANDRADE, 2010) reconheceu que ambos jamais figuraram entre as principais mercadorias. A tendência era a produção para mercados locais. Porém, o recorte se deteve na primeira metade do XIX, o que limitou a aplicação de tais dados em nosso estudo.

¹¹ Apesar de reconhecer a importância do cultivo da cana, o Almanaque Sul Mineiro foi um pouco vago nesse ponto. Em duas edições apenas menciona que está entre as principais plantações na maioria das localidades que registra seu cultivo. “Do açúcar faz-se apenas comércio interno, mas a aguardente é já exportada, embora em porção diminuta”. 1874, p.31. Para o de 1884 diz apenas ser, com o fumo, “importantes gêneros de exportação do Sul de Minas”, p.45. No caso específico das geadas, mesmo atualmente ainda há prejuízos em

Todavia, mais uma vez se faz valer as diferenças internas no próprio Sul de Minas, como o peso relativo das exportações de derivados da cana nas regiões de Passos, Guaxupé e Boa Esperança, na qual o café nas duas primeiras ficava atrás apenas do toucinho já em meados dos anos 1870 (RESTITUTTI, 2006). Mas no geral, ainda na primeira metade do XIX, aparentemente houve um fluxo constante de importações de produtos da cana, como a rapadura, na contramão de outras regiões, como o norte mineiro (COSTA FILHO, 1963; GODOY, 2002).

No último quartel desta centúria, as fontes indicam a queda de produção de uma maneira geral, e os relatórios das companhias ferroviárias descreviam o açúcar como um dos principais itens de importação, até mesmo com aumento progressivo¹². A impressão é que, apesar da produção significativa de açúcar em nossa região, ela tendeu a ter um peso menor nas exportações, tornando-se declinante à medida que os trilhos se consolidaram e findamos o século XIX, embora possamos perceber algumas exceções, unidades isoladas ou algumas freguesias de poucos municípios, como no caso de uma fazenda em Boa Esperança, onde “existem 14 engenhos de moer canas, e que fabricam açúcar e aguardente, um deles movido a vapor, os mais a água”¹³. Mas, afora o movido a vapor, todos os outros “nenhum resultado satisfatório oferecem aos seus proprietários que nestes últimos 3 anos pouco cuidaram das safras da cana por causa do café, obrigando os senhores de engenhos a importar açúcar e comprá-lo por altos preços”¹⁴. Além de Boa Esperança, apenas Carmo do Rio Claro e Varginha possuíam 1 engenho central (JACOB, 1911). Porém, mais significativo ainda era o caso de Pedra Branca, atual Pedralva. A indicação é que aí se cultivava cana-de-açúcar, café, milho arroz, feijão e batatas. “Há em todo o município oito engenhos de cana para o fabrico de aguardente e de rapaduras, sendo cinco movidos por água, cujo produto exporta-se em grande quantidade”¹⁵. Já Itajubá, bem próximo a Pedra Branca, “há fábricas de aguardente de cana e de rapaduras, que não chegam para o consumo”¹⁶. Mesmo Campanha, que em meados do XIX tinha na produção de derivados da cana uma das fontes de riqueza das propriedades locais acusou, já em 1893, a aguardente e derivados da cana como produção decadente no município¹⁷.

alguns anos decorrente de sua ocorrência, sobretudo para a cultura cafeeira.

¹² Embora com registros de importações, a produção de rapadura e aguardente tinha aparente estabilidade e até mesmo aumento das exportações em alguns lugares. Já o açúcar, geralmente figurava apenas atrás do sal como principal artigo agrícola de importação, segundo os relatórios das companhias férreas sul mineiras. Segundo Rodolpho Jacob, com o açúcar se deu o mesmo que com o algodão, principalmente na Mata e no Sul, “cujas produções atuais são inferiores também ao consumo local” (JACOB, 1911).

¹³ Revista do Arquivo Público Mineiro – RAPM, Vol. 3, jan-mar de 1898, p. 426

¹⁴ Ibidem. Grifo nosso.

¹⁵ RAPM, Vol. 3, 1898, p. 358.

¹⁶ RAPM, Vol. 4, 1899, p. 578.

¹⁷ Formulário do Censo Agrícola enviado pelo Vice-presidente em exercício do Agente Executivo do

O gado bovino, suíno e seus derivados: queijos, manteiga e toucinho

O toucinho, juntamente com o fumo, eram os grandes artigos sul mineiros, mesmo para a primeira metade do XIX. Para o toucinho, estima-se que a quantidade exportada fosse de aproximadamente 160 mil arrobas por volta de 1870, quase em sua totalidade para a cidade do Rio de Janeiro (VEIGA, 1874). Novamente, no caso de Boa Esperança o almanaque para 1884 já destacava a criação e engorda para exportação em seu município. Nos municípios de Alfenas e Varginha a situação não era muito diferente. Neste último, “em relação ao gado vacum tem havido algum melhoramento pela introdução do gado zebu. A criação é exportada para o Rio de Janeiro”¹⁸.

Boa parte da mesoregião conhecida como do Rio Sapucaí, e que veio a ser servida pela ferrovia do mesmo nome, a exportação de gado suíno predominou sobre os demais, inclusive sobre o bovino¹⁹. Um dos municípios servidos por ela era Pedra Branca, acima citado. Aí “a principal espécie de criação é a de porcos, que criam-se e engordam em grande escala. Há pouca criação de gado vacum, cavalari, muar, carneiros e cabritos”²⁰. Outro caso de exportação de porcos na região do Sapucaí, e seu derivado o toucinho, era o de Itajubá. “Há muita engorda de porcos no distrito, exportando-se muito toucinho para o Rio de Janeiro e algum para São Paulo”²¹

Tabela 1 – Exportações de gado em Minas por cabeças, 1881-1909

Ano	Bovino	Suíno
1881-1884*	98000	26000
1890	98903	10988
1897	196000	-
1897-1900*	182000	17000
1900	199643	21425
1901	201657	22913
1902	232293	29242
1903	233120	43800
1904	244718	45279
1905	272948	42032
1906	277174	46268
1907	280538	37739
1908	260269	56975
1909	269216	73561

Fonte: Relatório do Presidente de Estado de Minas Gerais, 1901-1910.

*Média anual

Pela tabela acima, as exportações de gado depois de 1890 praticamente dobram. Além das feiras

município de Campanha, 1893, SA34, Cx1, APM.

¹⁸ RAPM, Vol. 4, 1899, p. 618.

¹⁹ Ao contrário de zonas servidas por outras ferrovias na região, como a E.F. Minas e Rio, Muzambinho e Mogiana, a região cortada pela Sapucaí tinha a predominância de gado suíno, assim como larga produção do seu derivado toucinho.

²⁰ RAPM, Vol. 3, 1898, p. 359.

²¹ RAPM, Vol. 4, 1899, p. 577.

instaladas, a expansão das ferrovias, o crescimento populacional do Rio e São Paulo, assim como a especialização produtiva das áreas cafeeiras, demandaram um aumento pelo consumo de carne. E foi aí que a feira de gado de Três Corações jogou papel fundamental. Essa feira era umas das três autorizadas pelo poder público. Embora já organizada antes de 1900, foi somente em 1902 que passou a ser regulada oficialmente (SAES e ROSA, 2012). Pelo volume da feira, podemos observar que a alta das atividades ocorreu até a 1ª Guerra Mundial.

Tabela 2 – Volume de negócios da feira de Três Corações, 1902-1922

Ano	Cabeças	Ano	cabeças	ano	cabeças
1902	75.503	1909	101.589	1915	127.041
1903	78.873	1910	116030	1916	156.332
1904	86.056*	1911	125.206	1917	126.937
1905	99.963*	1912	137.188	1918	116.186
1906	99.681*	1913	136.325	1919	93.928*
1908	102.885	1914	132.997	1922	81.867

Fonte: Alexandre Macchione Saes e Elton Rodrigo Rosa. “Mercado pontual: atuação estatal na formação da Feira de Gado de Três Corações (1900-1920)”. Em: Alexandre Macchione Saes e Marcos Lobato Martins. *Sul de Minas em transição...*, 2012.

*Estimativa a partir da receita.

Os derivados queijo, já no XVIII (HOLANDA, 2008), e a manteiga no XIX, eram por excelência produção sul mineira, com destaque para os municípios de Baependi e Aiuruoca. Ambos já não apresentavam a riqueza de outrora, a exemplo de São Tomé das Letras, freguesia de Baependi, “um arraial decadente, pertencente à comarca de Baependi, com 400 habitantes, aproximadamente sem indústria e sem vida própria”²². Entretanto, a sede do município de Baependi ainda desenvolveu atividades locais ligadas à criação de gado bovino, como queijos e manteigas, com grande exportação deles. Eram pouquíssimos os municípios da região, como São Sebastião do Paraíso, Cabo Verde e Extrema, em que não havia pelo menos uma fábrica de manteiga até 1910²³.

O fumo: o grande produto agrícola sul mineiro no XIX

No caso do fumo, o Almanaque de 1874 foi categórico em afirmar que “é sem dúvida alguma o principal produto da exportação sul mineira” (VEIGA, 1874: 31). A produção é estimada em 500 mil arrobas, das quais 400 mil seriam exportadas. Pelas fontes pesquisadas, tudo indica que depois de 1890 o fumo caminhou para deixar de ser o principal produto agrícola sul mineiro. Ainda sim, os artigos tradicionais continuaram na pauta exportadora regional, e muitas vezes ainda compuseram a produção, comércio e riqueza das propriedades sul mineiras. Mesmo na virada do XIX para o XX a produção era ampla e disseminada em quase toda a região. Pouso Alto, inclusive sua freguesia de Santana do Capivari, atual Itanhandu, era município tradicionalmente produtor deste item. “Dos ramos principais da lavoura destaca-se a do milho, feijão e toda sorte de cereais, seguindo-se-lhe a do fumo”²⁴. À frente, “em geral são os gêneros

²² RAPM, Vol. 4, 1899, p. 566.

²³ Ibidem.

²⁴ RAPM, Vol. 4, 1899, p. 610.

exportados para o Rio de Janeiro. Ainda não se acha introduzido o plantio da uva, do algodão, nem do café”²⁵. Era o principal daqueles lugares que ficavam na chamada estrada do picu, uma das rotas utilizadas para o comércio interprovincial sul mineiro com o Rio desde meados do XIX (RESTITUTTI, 2006). Itajubá também ainda produzia fumo significativamente²⁶. O quadro 2, sobre a exportação presumida de Itajubá em 1899, confirma isso.

Cereais e batatas

Assim como no restante do estado, o Sul de Minas produzia milho e feijão em praticamente todas as suas localidades desde o XVIII. Entretanto, após a chegada da estrada de ferro, houve uma virtual tendência para que o arroz e a batata (em menor grau) se disseminassem pela região. Em Minas como um todo, a exportação de ambos cresceu em maior proporção que a dos dois primeiros, em parte por incentivos fiscais do governo. No caso do arroz, Oeste, Sul e Triângulo eram os principais cultivadores (JACOB, 1911)²⁷. No caso das batatas, a grande maioria das localidades estavam em altitudes elevadas, que no nosso caso são Pouso Alto, Itajubá e Pedra Branca, sendo este último onde se localizava Maria da Fé, maior produtor estadual²⁸. **Salientamos ainda que, no caso do transporte de cereais, e principalmente do arroz, parte era movimentado pelos serviços de navegação fluvial. No caso do café, não parecia ocorrer o mesmo. De qualquer forma, a produção destes itens estava praticamente em todos os municípios sul mineiros, inclusive o milho e feijão.**

4.1 O café no Sul de Minas

Embora muito provavelmente com alguma presença rarefeita na região desde início do XIX, ao que indicam as fontes e vários estudos, o café no Sul de Minas começou a se estabelecer com alguma consistência na década de 1880, mas por volta de 1900 ainda era pontual se levarmos em conta onde a exportação era realmente significativa. Mas a partir daí ele já começava a fazer a riqueza de alguns fazendeiros, e era a mercadoria que mais exigia atenção das companhias férreas. De caráter oscilante, principalmente com a maior incidência das crises de supersafras e baixa dos preços, ao que tudo indica, na maior parte ainda não era praticado como cultura exclusiva. Por apresentar dados que se estendem ao longo da segunda metade do XIX, a tabela de Roberto e Maria do Carmo Martins nos coloca alguma luz sobre a questão.

Tabela 3: Exportações de café da província de Minas Gerais (1850-1892)

Ano	Zona da Mata	Sul	Resto da Província
1850-51	99,8	0,2	-
1867-68	99,7	0,3	-
1881-82	97	2,8	0,2
1882-83	97	2,8	0,2
1883-84	93,1	6,4	0,4

²⁵ Idem.

²⁶ RAPM, Vol. 4, 1899, p. 577.

²⁷ De 58 engenhos de beneficiar arroz no estado, existiam 17 no Sul de Minas, que corresponderia a 29,3% do total.

²⁸ Segundo dados do ano de 1906, de 4 mil toneladas de batatas exportadas por Minas, somente Maria da Fé embarcou, entre janeiro e julho, aproximadamente 1.200 toneladas em sua estação na Estrada de Ferro Sapucaí, segundo dados do Relatório da Ministério da Agricultura e SENNA, 1907.

1888	94,6	4,7	0,7
1889	89,3	9,2	1,6
1890	79,5	18,8	1,7
1891	80,5	16,9	2,6
1892	80,1	12,5	7,4

Fonte: Roberto B. Martins e Maria do Carmo S. Martins. “As exportações de Minas Gerais no sec. XIX. In: *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, n. 58, p. 105-120. Belo Horizonte: UFMG, 1984. Omitimos os dados até 1850, pois o peso do sul não ultrapassava 0,2% do total.

No Almanaque Sul Mineiro de 1874 a indicação do café na região é que

Dá excelentemente em municípios e com vigor admirável nos de Pouso Alegre e Alfenas. É plantado por enquanto quase que só para o consumo local, mas nos municípios vizinhos às províncias de S. Paulo e Rio, principalmente Pouso Alegre e Jaguari há imensas plantações e já se faz desse gênero alguma exportação (VEIGA, 1874: 32).

Primeiramente, é fundamental ressaltarmos que quando o autor diz “municípios”, se refere também às freguesias e distritos, e não apenas à sede. No caso de Pouso Alegre e Alfenas, considerando que a indicação é de 1874, as sedes muito provavelmente tinham pouco peso.

Para Pouso Alegre, lembremos que Ouro Fino e Jacutinga ainda eram freguesias suas. Para este lugar, as fontes indicam o café e os cereais como “a sua produção agrícola” (SENNA, 1907: 231). Jacutinga (que se emancipou da primeira em 1901): “café e indústria vinhateira”²⁹. Em 1907 Ouro Fino foi a primeira cidade sul mineira a possuir casa bancária, seguida de Guaxupé em 1909. As outras apenas depois de 1910. Não acreditamos que apenas a atividade cafeeira em Minas, ou mesmo no sudeste, foi a única responsável por atrair este tipo de atividade. Mas no Sul de Minas, foi o café que atraiu as primeiras agências. Já para Alfenas, as freguesias de Machado e Areado eram parte do seu município em 1874. A freguesia de Santo Antônio do Machado possuía desde a primeira metade do XIX riqueza gerada pelas atividades ligadas ao comércio de abastecimento, e vários habitantes seus tinham estreitas ligações na arena política. E influências políticas muitas vezes contaram mais que as condições econômicas locais para a constituição de determinados empreendimentos. No caso de Machado, a constituição da Sociedade Anônima Indústria Machadense em 1871, que deu origem a Fábrica de Tecidos de Machado inaugurada em 1875, foi o seu maior símbolo. Foi a primeira companhia têxtil criada no Sul de Minas e a primeira da província a utilizar energia a vapor como força motriz, mas funcionou com relativa regularidade e dificuldades até 1902, quando provavelmente encerrou suas atividades (COSTA, 1989). No período em que a companhia foi organizada, Machado – ainda freguesia do município de Alfenas – “vivia sua

fase pré cafeeira, tendo ainda como atividade principal a exportação de gado em pé e de toucinho para o Rio de Janeiro” (COSTA, 1997: 26). Embora tais atividades fossem capazes de movimentar recursos e fazer a riqueza de muitos habitantes locais, não eram suficientes a ponto de sustentarem iniciativas deste porte. Mas segundo o Almanaque de 1884, em Machado, agora município desmembrado de Alfenas, “a cultura mais usada é a do café de que já há plantação superior a 500.000 pés” (VEIGA, 1884: 232). Na primeira década do XX, o produto se consolidou e movimentava a economia local com intensidade (COSTA, 1997).

O município de Santo Antônio tem 3.250 alqueires de cafezais, produzindo 487.500 arrobas; exporta anualmente 15.000 reses; possui excelente e farta criação de gado suíno, cavalar e lanígero, cultura de fumo e cereais; 16 usinas de beneficiar café, uma fábrica de tecidos, 14 engenhos de serrar madeira, duas ferrarias e três selarias; sua importação é de cerca de 1.000 contos de réis (SENNÁ, 1906: 117).

Foi um caso do que poderíamos chamar de disseminação precoce da atividade cafeeira, para além da porção sul mineira mais próxima de São Paulo. Entretanto, na maioria das vezes as casas comissárias eram filiais de outras da cidade do Rio de Janeiro, que apenas revendiam a produção para as grandes casas exportadoras. A maioria dos agentes físicos nem mesmo estavam envolvidos em atividades ligadas à produção ou beneficiamento de café (COSTA, 1997). Foi apenas em meados de 1920, já fora de nosso recorte cronológico, que o capital ligado ao café em Machado transbordou de maneira mais sólida para outras atividades, a exemplo do Banco Machadense de 1921 e a Estrada de Ferro Machadense, da mesma década.

Voltando à citação do Almanaque sobre a localização do café, nos resta falar sobre o município de Jaguari. Esta comarca correspondia a boa parte do extremo sul mineiro, que se limita a São Paulo pela Serra da Mantiqueira. Era composta principalmente pelas localidades de Jaguari, atual Camanducaia (sua sede), Extrema e Cambuí. Possuía laços estreitos com São Paulo, apesar de também praticar a exportação para a Corte. Embora com um peso maior no café já antes de outras porções sul mineiras, a criação de gado e plantio de fumo também tinham grande importância e eram largamente exportados. Já em 1884, o Almanaque indicou para a sede do município que “a cultura do fumo, que se exporta para a corte, é a mais usada, cultivando-se também café, de que já há cerca de 100.000 pés” (VEIGA, 1884: 395). Da mesma forma “exporta-se igualmente gado e toucinho”. Para a freguesia de Cambuí o relato é que “cultiva-se café, cana e fumo, exportando-se muito gado e porcos para S. Paulo e para a corte”³⁰. Logo à frente destaca que “é de mais de 500.000 pés a plantação de café, e apesar de serem quase todos os cafezais ainda novos a exportação anual já é de 5.000 arrobas”³¹. Isso

³⁰ Ibidem, p.400.

³¹ Idem.

pode ser mais um fato que vem a confirmar o caráter ainda incipiente da cafeicultura sul mineira para o período, mesmo em áreas muito próximas a São Paulo. Por último, no caso de Santa Rita da Extrema, ou Extrema, “a cultura mais usada é a do café, cuja plantação excede a 300.000 pés. Cultiva-se muita cana, cereais, pouco fumo e algodão” (VEIGA, 1884: 408). Outros almanaques estatísticos e anuários como o Anuário de Minas Gerais e Geografia do Estado de Minas Gerais fornecem as mesmas indicações sobre as principais exportações dessas localidades, os seus principais destinos e as vias de comunicação utilizadas. Como exemplo, o caso de Extrema acima citado e já elevada a cidade, era informado que “o comércio é ativo com o E. de S. Paulo, para o qual exporta o seu café, fumo e gado.” Quanto aos transportes, “os ramais de Bragança e de Amparo das linhas paulistas são os veículos do seu comércio” (ARAUJO, 1907: 356). Esta última fazia parte do ramal de mesmo nome, construído pela Cia. Mogiana ainda em 1875.

Outra fonte que, ainda por explorar, indica que a disseminação do café no Sul de Minas se deu com alguma consistência a partir de meados da segunda metade do decênio 1880, são os jornais. A partir daí começaram a aparecer os anúncios de casas comissárias de café, geralmente do Rio de Janeiro ou em estações da E. F. Pedro II, como Cachoeira, onde se encontrava com a Estrada de Ferro Norte. Ainda sim, não eram raros os anúncios para comissários em Santos³².

A rota das ferrovias: localidades servidas pela E.F. Sapucaí e E.F. Muzambinho

A chegada da estrada de ferro, principalmente estas duas companhias (inauguradas em 1891 e 1892, respectivamente), estimulou e coincidiu com a expansão do café na região, que ainda era pontual. Vejamos alguns exemplos, primeiramente na Sapucaí, e depois Muzambinho.

Em Pedra Branca “o plantio de café está se desenvolvendo satisfatoriamente em todo o município, havendo já alguns cafezais formados e dando fruto abundantemente e em pouco tempo promete haver exportação abundante desse gênero”³³. Reiteramos que, mesmo em espaços mais próximos da fronteira paulista, que a priori desenvolveram a cultura do café antes dos demais espaços, este ainda não era totalmente disseminado. Já para Itajubá, para o ano de 1898/99, “os principais ramos da lavoura são: café, fumo, cana, algodão, milho, arroz e todos os mais cereais”³⁴. A exportação do município “é toda feita para o Rio de Janeiro, pela Estrada de Ferro Sapucaí, que tem estação na cidade de Itajubá, pelas estradas das *Minas and Rio* e *Central*, sendo por essas últimas duas também a exportação para S. Paulo”³⁵.

Quadro 1 – Exportação presumida das principais mercadorias em Itajubá, 1898-1899

Mercadoria	Itajubá	S. Caetano da Vargem Grande	Todo município
------------	---------	-----------------------------	----------------

³² Nesse caso, nos referimos a anúncios que começaram a aparecer com frequência, entre 1887 e 1890, nos seguintes jornais: *Gazeta Sul Mineira* (São Gonçalo do Sapucaí), *Monitor Sul Mineiro* (Campanha) e a *Verdade* (Itajubá). Pesquisa preliminar de iniciação científica intitulada “O café na imprensa sul mineira: décadas de 1870 a 1900”, de Carolina Messias Cação e sob a orientação do prof. Marcos Lobato Martins na Universidade Federal de Alfenas, investiga justamente o café na imprensa e alguns periódicos sul mineiros.

³³ RAPM, Vol. 3, 1898, p. 358.

³⁴ RAPM, Vol. 4, 1899, p. 577.

³⁵ Idem.

Fumo	150:000\$000	100:000\$000	750:000\$000
Café	400:000\$000	450:000\$000	675:000\$000
Toucinho e gado suíno	200:000\$000	200:000\$000	400:000\$000
Milho	50:000\$000	60:000\$000	150:000\$000
Feijão	20:000\$000	-	-
Cereais	-	60:000\$000	150:000\$000
Galinhas	30:000\$000	-	-
Gado vacuum	-	20:000\$000	50:000\$000

Fonte: RAPM, Vol. 4, 1899, p. 578 e 584. Existiam ainda os distritos de Pirangussú e Soledade de Itajubá. O valor total do fumo, que parece superestimado, está de fato próximo da realidade, pois o artigo do mesmo autor publicado no Anuário de Nelson Senna de 1907 indica que a sua exportação presumida esteja em torno de 600 contos. O café, este sim, apresenta inconsistência de informações.

O quadro acima nos serve mais como mapa de produção e exportação para o município de Itajubá, do que como real dimensão de valores para cada item, pois as distorções de dados são claras. Mas reforça a tese da diversificação produtiva, mesmo na virada para o XX, ao mesmo tempo em que deixa evidente a equivalência entre a exportação tradicional (fumo) e a ascensão da nova (café), embora pareça que este último esteja concentrado na freguesia de São Caetano. Pelas fontes, é quase unânime que Itajubá (inclusive distritos) tivesse uma das economias mais vigorosas na região. O movimento de mercadorias em suas estações e o desenvolvimento de alguns serviços urbanos antes de 1910 (telefone e luz elétrica) o provam.

Ainda na Sapucaí, a localidade de Santa Rita do Sapucaí em 1907 “exporta muito café, cereais e gado” (SENNA, 1907: 301). Juntamente com Ouro Fino e Jacutinga, as estações destes três municípios servidos pela Sapucaí correspondiam a mais de dois terços do embarque de café.

Além de Areado, as estações de Fama e Varginha eram aquelas que registravam maior embarque de café na Muzambinho. As duas primeiras eram município de Alfenas. Segundo o Almanaque de 1884, em Areado “não há campos, e as matas têm nos altos as melhores condições para o plantio de café, que é a cultura mais usada...já a exportação para Santos (por Casa Branca) aproxima-se anualmente de 20.000 arrobas” (VEIGA, 1884: 207). A estação de Fama era em parte utilizada para embarque de mercadorias provenientes de Machado. Já Varginha, emancipou-se de Três Pontas em 1882. Três Pontas, assim como Machado, também possuía produção cafeeira de vulto “precoce”, e apesar de contar com duas estações em seu município, ambas estavam longe do núcleo urbano sede. Assim como Machado, depois de 1920 foi que a cidade contou efetivamente com ramal férreo, custeado por produtores locais de café. Mas para o caso específico de Varginha, “os principais ramos da lavoura são o café, a cana e o fumo”³⁶. “A exportação é feita para o Rio de Janeiro e S. Paulo. Tem-se aumentado muito o cultivo de café. Tem diminuído o de gêneros alimentícios, encarecendo o seu valor”³⁷. Sendo esta estação a que mais receitas gerava na Muzambinho, “constituindo em

³⁶ RAPM, Vol. 4, 1899, p. 617.

³⁷ Idem.

café, gado vacum e suíno, pode-se avaliar a exportação anual do distrito em 500 contos e a do município em 1.200:000\$000”³⁸. E isso vale para os respectivos distritos, Carmo da Cachoeira e Pontal, atual Elói Mendes. Embora possuíssem atividades de criação para exportação, assim como os derivados toucinho e queijos, já havia produção cafeeira. Para a primeira “o café, a cana-de-açúcar, cereais e fumo, são as culturas mais usadas no Carmo da Cachoeira. Em 1886, a plantação de café já era calculada em cerca de 400.000 pés. Era essa a primeira cultura do distrito” (SENNÁ, 1909: 1.106). No Pontal, “cultivavam-se, além dos cereais, muito café, cana e fumo, sendo então de mais de 200.000 pés a plantação de café, de que se exportaram em 1885 cerca de 6.000 arrobas” (ibidem: 1.107).

Por último, Boa Esperança. Já constituído como município no marco inicial de nosso recorte, além de cereais, “cultiva-se cana em larga escala, e depois algodão para consumo local, e café, que começa a desenvolver-se, contando-se já cerca de 50.000 pés. Cria-se e engorda-se muito gado e porcos para exporta-se para a corte. Está bastante desenvolvido o fabrico de queijos” (VEIGA, 1884: 168-169). Na freguesia de Espírito Santos dos Coqueiros, atual Coqueiral, “a cultura mais usada é a da cana, sendo desenvolvida a de cereais e café, e plantando-se também fumo e algodão...A plantação de café anda por 200.000 pés, e dela já se exporta 6.000 arrobas” (ibidem, 174). Havia também a criação e engorda de gado bovino e suínos, “sendo a exportação anual de 3.000 reses e 1.000 arrobas de toucinho” (idem: 40). No final da década seguinte, Boa Esperança já produzia café para exportação. “Há nesta freguesia 40 cultivadores de café que já exportam para o mercado Rio de Janeiro número superior a 30 mil arrobas desse produto, oferecendo uma renda líquida de 200 contos de réis”³⁹.

Lavras

Outra porção sul mineira que até 1910 teve aparente peso na exportação de café foi a de Lavras. A sede do município e os distritos de São João Nepomuceno, Ribeirão Vermelho e Perdões, todos eles com estações na E.F. Oeste de Minas, com exceção de Nepomuceno, registraram significativo embarque do produto em 1907, segundo dados de Rodolpho Jacob. Nepomuceno, além de cana e cereais, tinha “plantação do café superior a 100.000 pés” (VEIGA: 1884: 527). No caso de (Bom Jesus dos) Perdões, o Almanaque de 1884 indicou que “anualmente exporta-se de 8.000 arrobas de fumos, 5.000 de açúcar, 4.000 de toucinho e 200 reses” (idem: 592), além de já cultivar algum algodão e café. Mas no final da década seguinte, segundo artigo de revista do APM de 1898,

Outrora passava ele por ser uma dos mais férteis em cereais, de todo o

³⁸ RAPM, Vol. 4, 1899, p. 618.

³⁹ RAPM, Vol. 3, jan-mar de 1898, p. 426.

Sul de Minas; exportava feijão, toucinho, farinha, aguardente, fumo, e, que iam abastecer os mercados de S. João del Rei, Rio de Janeiro; atualmente, Perdões importa da Capital Federal os gêneros de Primeira necessidade, limitando-se a exportar cerca de vinte e cinco mil arrobas de café, e cinco mil arrobas de fumo. A única indústria explorada é a pastoril – engorda de gado – esta mesmo em não avultada escala”⁴⁰.

Pesquisas recentes acusam o início do plantio de café nas freguesias de Lavras antes de 1890, o que corrobora as fontes apresentadas⁴¹.

O Sudoeste

Essa porção era, ao que tudo indica, aquela onde o café se disseminava de forma mais consistente, em municípios como Passos, São Sebastião do Paraíso, Monte Santo, Guaranésia e Muzambinho, embora a primeira ainda se baseiasse principalmente na criação e engorda de gado que provinha do sul de Goiás, parte do Mato Grosso e Minas (SENNA, 1907). Mas todas elas foram interligadas por ramais da Mogiana construídos em solo mineiro entre 1912 e 1921 (LIMA, 1934). As exceções foram o ramal de Guaxupé (1904) e a Estrada de Ferro São Paulo Minas (1910/11), que partia do município de São Simão (SP) e ia até São Sebastião do Paraíso. Posteriormente, ligou esta cidade a Ribeirão Preto. Segundo dados de Nelson Senna, “S. Sebastião do Paraíso, Monte Santo, Passos e S. Rita de Cássia são os quatro maiores e mais importantes cafeeiros e pastoris do extremo Sul de Minas, no vale do Rio Grande” (SENNA, 1907: 423). Mais à frente, “terminada a colheita de café da safra de 1906, foi calculada ela em 800.000 arrobas aproximadamente no município de Muzambinho” (ibidem: 425), lembrando que nessa época Guaxupé ainda era distrito de Muzambinho, e se destacava regionalmente. No caso deste último, “é o café a principal cultura do distrito, seguindo-lhe a cana e depois o fumo e o algodão” (SENNA, 1909: 691).

Quadro 2 – Engenhos de beneficiar café no Sul de Minas em 1910

Município	Quantidade	Município	Quantidade
Alfenas	1	Monte Santo	19
Cabo Verde	7	Muzambinho	13
Campanha	1	Pedra Branca	2
Carmo do Rio Claro	7	São Caetano da Vargem	2
Guaranésia	14	São Gonçalo do Sapucaí	2
Itajubá	4	Santa Rita de Extrema	2
Jacuí	2	São Sebastião do Paraíso	3
Jacutinga	4	Três Pontas	3

⁴⁰ RAPM, Ano 3, Fascículo 2, abr-jun de 1898, p. 737.

⁴¹ Dissertação de mestrado em andamento, na FFLCH/USP, de Eduardo José Vieira, intitulada “Lavras nas décadas finais da escravidão (1870 e 1880)”.

Lavras	12	Varginha	2
Machado	9	Vila Nova de Rezende	1

Fonte: Rodolpho Jacob. *Minas Gerais no XX^o Século...*, 1911, quadro 86. Elaboração do autor. De um total de 716 no referido quadro, o quantitativo de 111 representa apenas 15,5% dos engenhos de café no Sul de Minas.

Pelos números do quadro acima, os três municípios com maior concentração de engenhos (Monte Santo, Guaranésia e Muzambinho) estão no sudoeste, com aproximadamente 41,44%. Segundo dados de Rodolpho Jacob, da safra 1909-1910 (no limite de nosso recorte cronológico), os principais municípios cafeeiros seriam São Sebastião do Paraíso, Guaranésia, Monte Santo, Ouro Fino, Jacutinga, Santa Rita do Sapucaí, Varginha, Muzambinho (inclusive seu distrito Guaxupé), Alfenas, Machado, São Gonçalo do Sapucaí e Três Pontas. O quadro abaixo mensura a produção por local, embora não haja dados para Varginha, Três Pontas e Alfenas (neste caso principalmente Areado). Possivelmente há dados incompletos para alguns locais, mas é válido para que tenhamos uma ideia dos lugares em que o café estava concentrado.

Quadro 3 Produção estimada de café em algumas localidades sul mineiras, 1909-1910

Localidade	Sacas de 60 kgs	Localidade	Sacas de 60 kgs
São Sebastião do Paraíso	187500	Jacutinga	87500
Monte Santo	125000	Botelho, Caldas e Campestre	40000
Guaranésia	125000	Muzambinho	37500
Guaxupé	100000	Caracol e Santa Rita	37500

Fonte: Rodolpho Jacob. *Minas Gerais no XX^o Século...* 1911, p. 56.

Se por um lado não há informações sobre outras localidades sabidamente cafeeiras, e em alguns casos dados incompletos como já alertamos, por outro lado esta estimativa de produção vai ao encontro dos dados de Cristiano Restitutti e das indicações de Nelson Senna que explicitamos acima, quando nos referimos ao sudoeste. Este autor colocou justamente São Sebastião do Paraíso e Monte Santo como os principais municípios cafeeiros. O quadro 2, que localiza engenhos de café por município, faz todo o sentido quando cruzados com estas fontes e indicações, pois Monte Santo e Guaranésia possuíam a maior quantidade de engenhos. A terceira colocada em quantidade de engenhos, Muzambinho, certamente concentra a maior parte de sua produção em Guaxupé, a quarta com maior produção estimada, segundo o quadro acima. Muito próxima da fronteira, era um centro comercial regional relativamente importante. Guaxupé era sede de uma recebedoria, que segundo o Almanaque Sul Mineiro para 1884 rendia 20 contos anuais (VEIGA, 1884). Além disso, “cultiva-se muito o café, principal cultura da freguesia, seguindo-se-lhe a cana e depois fumo e algodão” (ibidem: 363). Em 1884, a lista de fazendeiros do lugar, num total de 25, era daquelas em que os “que

plantam café” eram a maior proporção, sendo 18, ou 72% do total. Boa parte destas localidades, historicamente, estiveram sempre mais ligadas à província de São Paulo, notadamente Campinas, do que à Minas (MATOS, 1974).

4.2 As águas e a política

Poços de Caldas, São Lourenço, Lambari, Cambuquira, e Caxambu são as principais localidades que possuem fontes de águas minerais de conhecida propriedade medicinal, e que paulatinamente tentaram explorar isso com um viés turístico. Contudo, na maioria das vezes, estas vilas e cidades não possuíam infraestrutura urbana mínima, e nem mesmo ofereciam serviços adequados de cidades turísticas (MAGALHÃES, 2012). Isso não quer dizer que todos estes lugares não desenvolveram outras atividades, mas foi pelo suposto benefício das águas minerais que elas ficaram conhecidas, inclusive com patrocínio do próprio estado. Um artigo da RAPM de 1896, dentre outras coisas, tentou justificar sobre o suposto rápido desenvolvimento da vila de Poços de Caldas. E acima de todas elas se afirma: “mas para nós outros o que vale mais é a vizinhança de S. Paulo, cujo enorme progresso transbordou para aqui: os fizeram de Poços a sua Petrópolis”⁴². Porém, frisou também que “infelizmente, por causa da escassez do braço, o cultivo de cereais tende a diminuir; todos querem plantar e colher café”⁴³.

A outra face da questão das cidades das águas é a exportação de água mineral, que tomou algum vulto depois de 1900. Na maior parte do decênio havia uma única empresa que explorava as águas minerais de Caxambu, Cambuquira e Lambari (SENNA, 1909: 370), três das cidades estâncias hidrominerais no Sul de Minas. Já São Lourenço, com produção aproximada de 100 caixas diárias, a colocava no mesmo nível de Caxambu (SENNA, 1907).

Tabela 4 – Exportação das águas de Caxambu, Lambari e Cambuquira (caixas com 48 garrafas)

Ano	Caxambu	Lambari e Cambuquira
1901	21704	11444
1902	13901	8722
1903	17504	9515
1904	11288	6552
1905	18016	5926
1906	20917	-
1907	20752	10023

Fonte: Rodolpho Jacob. *Minas Gerais no XX^o século*, 1911, p.203.

Na questão política, a participação sul mineira nas arenas é um ponto já conhecido por vários autores (WIRTH, 1982; SILVA, 1982; VISCARDI, 2000). A ideia geral é que desde o começo da república os políticos sul mineiros se apoderaram do executivo estadual, após terem se disseminado no legislativo no Império e mesmo alguns cargos executivos no governo central. Teriam construído uma aliança

⁴² RAPM, abr-jun de 1896, p. 203.

⁴³ Ibidem, p. 205.

com os políticos da região central do estado (antigo centro do poder político), em detrimento dos políticos da Zona da Mata. Alguns dos principais expoentes foram Silviano Brandão, Venceslau Brás, Júlio Bueno (cunhado de Silviano) Brandão, Francisco Sales e um pouco mais tarde Delfim Moreira. Silviano, o principal líder do grupo, foi governador e vice-presidente eleito com Afonso Pena, falecendo antes da posse. Vale destacar que foi entre 1890 e 1910 que choveram recursos nas estradas de ferro sulinas, com alguns hiatos em anos de crise (SILVA, 2012). Em um período de 20 anos, de 1898 a 1918, a presidência estadual mineira teve um sul mineiro em todos os mandatos, ininterruptamente (idem). E é quase desnecessário lembrar que, todos eles ocuparam postos no executivo estadual e legislativos estadual e federal antes de atingirem os maiores cargos, como deputado, senador e secretário. Não é de se admirar que neste período a região apresentou um dos maiores índices de desenvolvimento no estado, embora também acompanhado de crescimento econômico.

5. Síntese: perfil produtivo sul mineiro

“O Sul de Minas é o celeiro do Rio de Janeiro”⁴⁴. A afirmação pode, se quiséssemos resumir sob o contexto produtivo e comercial, a posição sul mineira durante boa parte do século XIX. Já na virada do XIX para o XX, seu perfil sofreu alguma alteração, o que marcou profundamente a região.

Em 1884, ano de inauguração da Estrada de Ferro Minas e Rio (a primeira na região), o quadro produtivo sul mineiro aparentemente não apresentava grandes alterações, embora o café estivesse se disseminando. Na década seguinte, de uma maneira geral, foi que o ritmo e intensidade das mudanças começaram a se modificar. Em 1885, o jornal Gazeta Sul-Mineira expôs que a “temerosa crise que nos assoberba, pondo em condições difíceis a lavoura de café, de fumo e de cana, acaba de estender-se infelizmente à criação de gado, único elemento de vida com que o Sul de Minas contava para equilibrar-se entre as ruínas da produção atual”⁴⁵. Acontece que, a chegada da estrada de ferro, a conjuntura econômica (valorização do preço do café) e a boas condições naturais da região propiciaram a expansão do artigo. A intensidade e forma variaram em cada lugar. Ao que tudo indica, tal ocorreu de forma lenta e através de unidades produtivas que já se ocupavam do comércio dos itens tradicionais como gado e cultivo de fumo, toucinho, derivados da cana e queijos.

6. Referências

6.1 Fontes

Oficiais

Relatórios do Ministério da Agricultura, 1874-1910

Relatórios dos Presidentes de Província de Minas Gerais, 1870-1910

Disponíveis em: www.crl.edu/brazil

Arquivo do Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

ARAÚJO, Francisco Lentz de. *Geografia do Estado de Minas Gerais e Noções de história do mesmo estado*. Belo Horizonte: Editores Paes & C., p.1907, p.356.

LIMA, Vasco de Castro. *A Estrada de Ferro Sul de Minas (1884-1934) - Trabalho histórico-descritivo, organizado pelo Secretário da Estrada*. São Paulo: Copag, 1934.

SENNA, Nelson C. de. *Anuário de Minas Gerais*. Vol. 2. Belo Horizonte: Minas Gerais:

⁴⁴ Relatório do Presidente de Província de Minas Gerais de 1877.

⁴⁵ Gazeta Sul-Mineira, Ano I, N° 13, 25/10/1885, p. 1.

- Imprensa Oficial, 1907.
- SENNA, Nelson C. de. *Anuário Histórico-Corográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Imprensa Oficial, 1909.
- VEIGA, Bernardo Saturnino da. *Almanaque Sul-Mineiro para 1874*. Campanha: Tipografia do Monitor Sul-Mineiro, 1874.
- VEIGA, Bernardo Saturnino da. *Almanaque Sul-Mineiro para 1884*. Campanha: Tipografia do Monitor Sul-Mineiro, 1884.

Jornais

A Verdade, 1890-1891

Gazeta Sul-Mineira, 1885-1887

Monitor Sul Mineiro, 1875-1910

Arquivo da Casa da Cultura de Machado

JACOB, Rodolpho. *Minas Gerais no XXº Século*. Rio de Janeiro: Gomes, Irmão & C., 1911.

SENNA, Nelson de. *Anuário de Minas Gerais*. Vol. 1. Belo Horizonte: Minas Gerais: Imprensa Oficial, 1906.

6.2 Livros, teses e artigos.

- ANDRADE, Marcos Ferreira de. “Elite escravista no sul de Minas Gerais: opções de investimento e composição da riqueza – século XIX”. In: *XIV Seminário sobre a Economia Mineira*. Diamantina: Cedeplar, 2010.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. Vol. II: Os jogos das trocas, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CANO, Wilson. “Padrões diferenciados das principais regiões cafeeiras”. Em: *Ensaio sobre a formação econômica regional do Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- CANO, Wilson e LUNA, Francisco Vidal. “A reprodução natural de escravos em Minas Gerais (século XIX): uma hipótese”. Em: CANO, Wilson. *Ensaio sobre a formação econômica regional do Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os métodos da História: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social*. Rio de Janeiro: Graal. 2002.
- CARRARA, Ângelo Alves. “A capitania de Minas Gerais (1674-835): modelo de interpretação de uma sociedade agrária”. In: *História Econômica e História de Empresas*. V. III.2. São Paulo: Hucitec/ABPHE, 2000.
- CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. *Como Esau e Jacó: as oligarquias sul mineiras no final do império e primeira república*. Tese de Doutorado. Franca: UNESP, 2012.
- COSTA, Maria Lúcia Prado. *A cafeicultura machadense, 1899 – 1912: uma análise da ação econômica e política dos principais fazendeiros e dos agentes de café*. Paraguaçu: Fundação 18 de março – FUNDAMAR, 1997.
- COSTA, Maria Lúcia Prado. *A fábrica de tecidos de Machado: 1871 – 1917*. Belo Horizonte: Fundação 18 de março/Mazza Edições, 1989.
- COSTA FILHO, Miguel. *A cana-de-açúcar em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1963.
- DINIZ, Clélio Campolina. *Estado e capital estrangeiro na industrialização mineira*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1981.
- FONTANARI, Rodrigo. “Rompendo fronteiras: a marcha da economia de abastecimento sul mineira rumo ao território paulista (Casa Branca no meio do século XIX)”. Em Alexandre Macchione Saes e Marcos Lobato Martins. *Sul de Minas em transição. A formação do capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru, SP: EDUSC, 2012.
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 15ª ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2007.
- GODOY, Marcelo Magalhães. “Espaços canavieiros regionais e mercado interno: subsídios

- para o estudo da distribuição espacial da produção e comércio de derivados da cana-de-açúcar da província de Minas Gerais”. *X Seminário sobre a Economia Mineira*. Diamantina: CEDEPLAR, 2002.
- GODOY, Marcelo Magalhães. “Civilizações da cana-de-açúcar: dois paradigmas de atividades agroaçucareiras no Novo Mundo, séculos XVI a XIX”. In: *História econômica & história de empresas*. Vol. X, nº 2. São Paulo: ABPHE, jul-dez 2007.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. “As áreas de criação de gado”. In: *História Geral da Civilização Brasileira – Colônia: Administração, Economia e Sociedade*. 8ªed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004.
- IGLÉSIAS, Francisco. “Política Econômica do Estado de Minas Gerais (1890-1930)”. In: *V Seminário de Estudos Mineiros: A República Velha em Minas*. Belo Horizonte: UFMG, 1982.
- LENHARO, Alcir. *As tropas da Moderação - O abastecimento da Corte na formação política do Brasil — 1808-1842*. São Paulo: Edições Símbolo, 1979.
- LIMA, João Heraldo. *Café e Indústria em Minas Gerais (1870 – 1920)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp/IFCH, 1977.
- LOPES, Luciana Suarez. “Uma economia em transição: a economia e alocação de riqueza na antiga Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto, década de 1870”. Em: *História Econômica e História de Empresas*. Vol. X, nº 2, jul-dez 2007.
- MAGALHÃES, Cristiane Maria. “Medicina entre flores na Belle Époque do sul mineiro: os jardins paisagísticos nas cidades das águas”. Em: Alexandre Macchione Saes e Marcos Lobato Martins. *Sul de Minas em transição. A formação do capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru, SP: EDUSC, 2012.
- MARTINS, Marcos Lobato. “Regionalidade e História: sobre regionalização nos estudos historiográficos mineiros. Em: *XVI Encontro Regional de História, ANPUH-MG*. Belo Horizonte: 2008.
- MARTINS, Marcos Lobato. e SOUZA, André Silva. “Notas sobre as propriedades rurais de Alfenas, MG: décadas de 1860-1880”. In: *XVII Encontro Regional de História*. Uberlândia: ANPUH-MG, 2010.
- MARTINS, Roberto Borges. *A economia escravista de Minas Gerais no século XIX*. Texto para discussão n. 10. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 1982.
- MARTINS, Roberto Borges e MARTINS, Maria do Carmo S. “As exportações de Minas Gerais no sec. XIX. In: *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, n. 58, p. 105-120. Belo Horizonte: UFMG, 1984.
- MARTINS FILHO, Amílcar Vianna. *A economia política do café com leite (1900-1930)*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1981.
- MATOS, Odilon Nogueira. *Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. São Paulo: Alfa-Omega, 1974.
- OLIVEIRA, Lélío Luiz de. “Desenvolvimento econômico no e setor rural no interior do Estado de São Paulo – Franca, 1890-1920”. Em: *Anais do XXI Encontro Estadual de História – ANPUH-SP*. Campinas, setembro de 2012.
- PAULA, João Antônio de. “O mercado e o mercado interno no Brasil: conceito e história”. In: *História Econômica & História de Empresas*, v.5, n.1, p. 7-39. São Paulo: HUCITEC/ABPHE, 2002.
- PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- RESTITUTTI, Cristiano Corte. *As fronteiras da Província: rotas de comércio interprovincial – Minas Gerais, 1839-1884*. Dissertação de Mestrado. Araraquara: UNESP, 2006.
- ROSA, Elton Rodrigo e SAES, Alexandre Macchione. “Mercado forjado: a constituição da Feira de Gado de Três Corações (1900-1920). In: *XIV Seminário sobre a Economia Mineira*. Diamantina: Cedeplar, 2010.
- ROVARON, Carlos Eduardo. *Ocupação da região da caldeira vulcânica de Poços de Caldas-MG (Sec. XVIII-XX)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP/FFLCH, 2009.

- SAES, Alexandre Macchione e MARTINS, Marcos Lobato (orgs.) *Sul de Minas em transição. A formação do capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru, SP: EDUSC, 2012.
- SILVA, Marcel Pereira da Silva. *De gado a café: as ferrovias no sul de Minas Gerais (1874-1910)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2012.
- SILVA, Vera Alice Cardoso. “O significado da participação dos mineiros na política nacional, durante a primeira república”. Em: *V Seminário de estudos mineiros: a República Velha em Minas*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.
- SLENES, Robert W. “Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escrava de Minas Gerais no século XIX”. Em: *Estudos Econômicos, V.18, N° 3*. São Paulo: USP/FEA, 1988, p. 449-495.
- VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. “Elites políticas mineiras na Primeira República Brasileira: um levantamento prosopográfico”. *Primeiras Jornadas de História Regional Comparada*. Porto Alegre: FEE, 2000.
- WIRTH, John D. *O Fiel da balança: Minas Gerais na Federação Brasileira (1889-1937)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

A indústria de transformação no Sul de Minas Gerais, 1907-1937¹

Michel Deliberali Marson

Professor da UNIFAL-MG, doutor em Economia FEA-USP

E-mail: michelmarson@yahoo.com.br

Marcela Busnello

Aluna do bacharelado em Ciência e Economia da UNIFAL-MG

Luciano Castro

Aluno do bacharelado em Ciência e Economia da UNIFAL-MG

Resumo:

O objetivo do artigo é estudar a indústria de transformação em Minas Gerais em seus aspectos regionais e históricos, tendo como foco a região do Sul de Minas Gerais entre 1907 e 1937. O trabalho analisará a evolução da indústria de transformação em um período de formação industrial na região. O artigo trata de uma parte da indústria geralmente pouco estudada pela literatura para entender sua evolução no contexto regional, identificando sua importância para a economia local. A explicação para a incipiente indústria no Sul de Minas Gerais no início do século XX pode ser resgatada da determinação econômica da região no século XIX, ligada a uma economia para o atendimento de um mercado local ou regional.

Palavras-chave: indústria, região Sul, Minas Gerais

Área Temática: História Econômica e Demografia Econômica

¹ Trabalho desenvolvido junto ao PIEPEX (Programa Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão) da UNIFAL-MG. Agradecemos a Paulo Bragança no auxílio para a construção dos bancos de dados.